

Entre escrita e livros: Entrevista com Jorge Reis-Sá

Bruno Mazolini de Barros*

Jorge Reis-Sá nasceu em Portugal, em 1977, em Vila Nova de Famalicão, distrito de Braga. Formado em Biologia, foi editor na Quasi Edições, na Babel e na Glaciar, e ainda colabora nessa função em outras casas editoriais e instituições. Em Portugal, participa da publicação de autores clássicos brasileiros, em parceria com a Academia Brasileira de Letras, no projeto “Biblioteca da Academia”. No Brasil, junto com o escritor Marcelo Moutinho, publicou **Dicionário Amoroso da Língua Portuguesa** (Casa da Palavra, 2009).

Publicou, desde 1999, diversas obras, entre poemas, contos, crônicas e romances. No Brasil, lançou a coletânea de poesia **Biologia dos homens** (Escrituras, 2005) e os romances **Todos os dias** (Record, 2007), **O dom** (Record, 2009) e **A definição do amor** (Tordesilhas, 2016). A entrevista trata principalmente de questões acerca do processo criativo e dos romances do autor publicados no país.

Bruno Mazolini de Barros - O Sr. se vê filiado a alguma tradição literária ou como pertencente a uma linhagem de autores? De que maneira posiciona-se como um escritor português no século XXI?

Jorge Reis-Sá - Comecei na poesia e com poesia. A ler os poetas portugueses, principalmente os posteriores ao modernismo (Pessoa, Sá-Carneiro). Descobri depois Eugénio, Sophia, Herberto, Cesariny, Ruy Belo. E cheguei ao que me era afim por ser contemporâneo – os que me acompanham na idade. Posso, por isso, dizer que a minha tradição é a lírica portuguesa. Seja na poesia, seja na prosa. Não tenho grande interesse em contar uma história na ficção, nem em fazer jogos verbais sem argumentos na poesia. Gosto de ser narrativo nos poemas, mas gosto de ser lírico na prosa. Agrada-me por isso, na narrativa, ter presente Vergílio Ferreira, António Lobo Antunes e outros que fazem da prosa poema. Como me agrada na poesia Ruy Belo, que faz do poema uma história.

Mais recentemente, tenho pensado a dicotomia ficção / não ficção. E julgo ter percebido que, mesmo as histórias que (não) conto têm mais interesse se forem embebidas de realidade – mesmo que inventada ou dúplice. Por isso tenho lido muito Kapuscinsky, Carrère, Svetlana, e pensado em deixar que a não ficção se torne a ficção que sempre foi.

Recebido: 11/01/2018

Aceito: 24/04/2018

* Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Doutorando em Teoria da Literatura (bolsista CNPq). Participante do grupo de pesquisas Cartografias narrativas: redes e enredos de subjetividade/PUCRS.

BMB - Escrever poesia e escrever narrativas: quais os desafios que essas duas formas literárias propõem ao Sr. no momento de criação?

JRS - Paradoxalmente com o que disse anteriormente, não concebo a narrativa nem a poesia sem um bom argumento. O que, menos paradoxalmente, não é o mesmo que uma história no sentido mais habitual do termo. Gosto de criar histórias para talvez depois não as contar de uma forma tradicional. O maior desafio por isso é ter o que dizer. Parece pouco, mas é muito. E, depois, como dizê-lo. Já toda a gente disse tudo e de todas as formas. A única possibilidade de podermos ser (um pouco que seja) originais é tentar dizer algo de relativamente novo de uma forma também relativamente nova. Relativamente sendo aqui a palavra chave. Criar é ter algo que nos dá comichão nas costas, que nos faz coçar a pele num sítio difícil de chegar. Por isso tentamos vezes sem conta até conseguirmos. Seja na poesia, seja na prosa.

BMB - Além de escritor, o Sr. tem experiência como editor e como membro de júri em prêmios literários. Como essas atividades burocráticas no campo literário influenciam a sua escrita?

JRS - Não sei se serão assim tão burocráticas. A de júri implica ler, o que mais do que tudo é um prazer para mim. A de editor não deixa de ser muito criativa. Ser editor é criar livros – e não é isso que faz um escritor? Só que para tal uso as palavras dos outros, completo-as com uma capa, uma contracapa, uma imagem, papel, um tamanho. Isso influencia muito a minha escrita porque não deixo de escrever a pensar na existência de um livro futuro, por um lado. Por outro, o fato de saber por dentro como funciona tanto a sua produção como a sua comercialização, faz com que por vezes perca a vontade de escrever – o encanto ingênuo há muito que desapareceu.

BMB - Muitos autores portugueses, diferentemente dos brasileiros, ainda se posicionam veementes contra o acordo ortográfico. Como o Sr. vê essa questão, seja em relação ao mercado editorial, seja em termos político-culturais, ou mesmo em sua escrita literária, individual? Uma nova ortografia afeta-o em que medida?

JRS - Sou algo agnóstico em relação ao novo acordo (novo com 27 anos, mas enfim...). Tendo a ser contra – é assim que escrevo, porque foi assim que me ensinaram. Mas não sou fundamentalista, pelo que se for caso de um jornal ou revista querer colocar o meu texto no novo acordo, não faço disso um problema.

Dito isto, acho que é um acordo em desacordo. A história conta-nos que foi uma iluminação de um pequeno grupo de académicos que, quando se deu por ela, tinham mudado oficialmente a língua portuguesa, quase sem perguntar aos escritores, editores, a todos os que trabalham diariamente com ela. Acho que está cheio de estupidezes, que não faz sentido na sua questão programática – afinal somos por uma ortografia baseada na fonética ou na etimologia? Acho que deveria existir um novo debate (que a nova direção da Academia das Ciências de Lisboa está a tentar promover) para, pelo menos, ajustar o acordo de maneira a que haja um mínimo consenso. Não acho que seja possível, dada a falta de visão de futuro de alguns políticos portugueses, mas tentemos.

Tenho pena que o meu filho não vá conhecer as consoantes mudas. Mas imagino que essa fosse a mesma pena que o meu pai teria de eu não conhecer o acento grave em “súbitamente”. Como escritor, resta-me escrever como quero. Por vezes dando ao abismo o “y”, para, como dizia Pascoaes, ter a profundidade que merece. Ou, como Sophia, “s” a “dansa”, para que a

palavra se mostre mais dançável. E sim, estou a dar propositadamente exemplos do acordo ainda mais antigo.

BMB - Como encara essa nova, ou talvez atualizada, relação do público com autores: festivais literários, turnês de divulgação, redes sociais? O quão profícua ou modeladora para a leitura das obras ela pode ser?

JRS - Costuma dizer-se que um escritor que vai a estes festivais e afins vai mais para se ouvir do que para ouvir os leitores. Concordo. Vejo-os como possibilidades de enaltecer o ego – e nós sabemos como os escritores têm egos grandes. Se isso depois ajudar a que os livros fiquem melhores, ótimo. O meu único problema com eles – no que diz respeito à literatura enquanto arte, claro – é que depois bons escritores se deixem levar pelo entretenimento também na escrita. São veículos de entreter – e eu não tenho nada contra a diversão.

As redes sociais, essas, deixam-me mais preocupado. Não por causa dos escritores apenas, mas por causa da sociedade em geral. Tenho uma página no *Facebook* apenas porque não tenho a coragem de a apagar – por vezes surgem por lá contatos de leitores que me enaltecem o ego porque se preocupam e perguntam da minha obra; isso agrada-me, claro. Mas vejo com muita apreensão esta nova forma de relacionamento impessoal. Raramente actualizo a página, mesmo com isso podendo perder (porque não ganhando) leitores. Continuo a achar que são os livros que nos salvam e não um écran com demasiada velocidade. Ler é um acto de paciência, e as redes sociais, um acto de vertigem. Para vertigens, prefiro a montanha russa que demora três minutos e é muito mais intensa.

BMB - O Sr. também escreve crônicas, e tem colunas em diferentes publicações. O Sr. ainda

é um autor jovem e já conta com significativo número de obras publicadas. Como se organiza entre o trabalho diário, por assim dizer, regular, e o trabalho artístico, a escrita literária, que pode vir a ter uma liberdade maior, no que diz respeito a prazos, pelo menos?

JRS - Neste momento apenas tenho uma colaboração não muito regular com uma revista online, a *Prelo*, da *Imprensa Nacional*. O que não quer dizer que não gostasse de voltar a escrever crônicas com mais assiduidade. Mas, como talvez já se tenha percebido, no que diz respeito à minha “carreira” deixo que as coisas aconteçam mais do que faço com que elas venham a acontecer.

O meu trabalho artístico baseia-se e sempre se baseou em duas grandes linhas: a obrigatoriedade e o lúdico. Claro que por vezes – e ainda bem! – as duas convergem. Mas consigo separar o que tenho de fazer do que gosto de fazer. Vou juntando os prazos que me dão – ou que procurei, num livro que ficou, por exemplo, combinado ser feito – com os projetos mais pessoais. Neste momento, por exemplo, tenho em mãos um livro biográfico para crianças sobre o escritor António Lobo Antunes, que já tem editora e prazo. E tenho uma tradução, com um prazo mais elástico, porque decidida de moto próprio. E, claro, “o livro” em que estou a trabalhar. E esse não tem o prazo que não seja o meu prazer em escrevê-lo. O que quer dizer que este pode vir a ser outro amanhã se assim sentir essa necessidade e vontade.

BMB - O projeto “Biblioteca da Academia”, em parceria com a Academia Brasileira de Letras do Brasil, publica autores brasileiros em Portugal. Qual é a importância desse projeto no século XXI em Portugal, e como funciona a seleção das obras? Afinal, é um processo no qual um cânone está sendo atualizado, com todas as suas questões, omissões e até possíveis polémicas.

JRS - O projecto nasce de uma necessidade que percebi em Portugal: apresentar ao público português as obras clássicas brasileiras, que estavam muito mal editadas. A parceria foi então feita com a ABL e decidida a publicação de um número inicial de obras (que deverão ser 25, pelo menos). A selecção é feita por mim e pela ABL, sendo que a única condição é que os autores tenham sido membros da Academia. Não sinto para já grandes polémicas ou omissões, já que temos tentado ser inclusivos e cuidadosos na escolha. As omissões, no entanto, poderão ser colmatadas. E as polémicas, se acontecerem, acontecem.

BMB - O luto é uma marca importante em seus romances, como nos publicados no Brasil: isso é claro em **Todos os dias** e em **A definição do amor**. Até mesmo em **O dom**, de certa maneira, há um luto diferente, em um escopo maior, o luto da perda de uma forma de mundo e de viver.

JRS - Talvez por razões pessoais, a morte acompanha-me desde sempre. Deixarei a casa para a pergunta final, mas esta era junto ao cemitério – ainda é. E lá vivi até aos quatro anos. O meu pai morreu tinha eu 17 anos e isso fez-me ainda mais pensar a morte e o luto. Sinto que a escrita deve ter sido a forma que arranjei de ultrapassar esse luto (embora saiba que é impossível ultrapassar o luto – ele nunca desaparece, porque se desaparecesse era o meu pai que desaparecia com ele). Tenho pensado muito a velhice, a morte, a existência. E talvez seja por isso que o luto está tão presente naquilo que escrevo. Sou – ou assim me considero – uma pessoa relativamente feliz, optimista, bem-disposta. Talvez a escrita seja o local onde a parte mais soturna de mim possa surgir sem necessidade de preocupar os que gostam de mim. A arte não deixa de ser a melhor forma de nos recriarmos – ou pelo menos de sermos o que não podemos ou gostamos de ser na realidade.

BMB - Nesse mesmo conjunto de romances, e também em parte da poesia, a casa – o espaço em si e seus significados – tem um papel crucial: uma casa que perdeu alguém, como em **Todos os dias**; ou um regresso impossível de alguém para casa, em **A definição do amor**; em **O dom**, um espaço inusitado vira a casa das personagens.

JRS - Tenho um poema de um só verso que diz “Vou para casa esquecer que parti”. É o verso que melhor define o que escrevo, sem dúvida. Tem tudo nele – o regresso a casa e a pouca vontade de viajar. A casa é o local sagrado onde os limites são os nossos, onde só deixamos entrar quem queremos, onde nos sentimos bem. Por isso tenho uma vontade tão grande em que a casa seja o centro dos romances, dos poemas, das vontades das personagens. Não conheço pior destino do que não ter um tecto. Porque sem tecto não há paredes, e sem paredes não há limites. E eu gosto de me sentir aconchegado dentro dos limites que me imponho.

Gosto de pensar a casa. Gosto de ter a literatura como álibi para a pensar e decidir e acrescentar. Gosto de casas.

BMB - O que é essa casa próxima ao cemitério que aparece em **Todos os dias** e **A definição do amor**? É um detalhe significativo nesses dois textos. Há alguma relação com a rua mencionada na dedicatória ao final de **A definição do amor**?

JRS - A rua da Castela existe, ou quase. É a rua onde nasci, onde ainda vivem os meus avós. O **Todos os dias** é um romance heterobiográfico, muito sobre a vida deles. A casa é a deles que é a minha. Em **A Definição do amor**, a casa é a da frente, de outros amigos que são também como avós. Agradou-me a ideia de construir um microcosmos literário a partir dessa realidade. Há muito – muito mesmo – de inventado nesses dois livros. Mas há também um local que é o que

penso quando penso em regressar a casa – ou pelo menos à casa da minha infância, que agora tenho a benção de ter também outra, com a minha mulher e filho. Por isso mesmo a dedicatória às pessoas que lá vivem. Pessoas que conheci e conheço, umas melhor, outras pior. Mas que são matéria para o que vou pensando e, conseqüentemente, escrevendo.

BMB - Acerca desse seu último romance, qual efeito busca na alternância entre os meses, que melancolicamente adensam-se no luto de Francisco, e as seções “Véspera”, nas quais uma rede familiar de sexo e violência em diferentes níveis desenlaçam-se?

JRS - Acho que um livro só com o diário se tornaria demasiado duro, forte, pesado para o leitor. Já assim o é, julgo. As vésperas são por isso pontos de fuga onde desejo que o leitor se sobressalte. Por isso também a dureza de alguns desses textos. Por outro lado, foram pensados para que se liguem no final ao diário, como se vê. E, como disse inicialmente, para completar o argumento: a definição do amor. O amor não é só belo e maravilhoso – que é o que se tenta destacar no diário. É, como dizia Kirkegaard, também imposto pelos seus limites – a violência, o aborto, a pedofilia, o incesto. E, sem o sentido parafilático mas com um sentido ainda (infelizmente) de margem, a homossexualidade. Foi esta visão alargada do amor que tentei apresentar no livro. Mesmo sendo ele, como demonstra a epígrafe, uma possível lição de como morrer. Porque sem luto não há morte e sem morte não há amor.

